

É A LUTA FINAL!¹ 1987: CENTENÁRIO DA INTERNACIONAL *

Lucien Maurice Parisse**

RESUMO - Para celebrar o duplo Centenário da Internacional e da morte de seu autor, Eugène Pottier, estabelecemos, a partir do texto original, uma tradução, procurando a maior fidelidade possível. Analisamos o texto, para descobrir a própria mensagem de Pottier, anarquista-comunista e Conselheiro da Comuna de Paris. Esta volta à fonte leva a despir a **Internacional** de roupagens ideológicas alheias. O hino afirma o papel profético da tradição anarquista e anuncia a última aurora: “uma dessas manhãs, ... o sol brilhará para sempre”.

ABSTRACT - In order to celebrate the double centennial, of the **International**, and of the / death of his author, Eugène Pottier, we made a translation, starting from the / original text, trying to give the best exactness possible to it. We analysed the text, to discover Pottier's message, anarchist-comunnist and adviser of the commune of Paris. That return to the source makes the **International** undress its ideological alien garments, the book states the prophetic role of the anarchist tradition and announces the last dawn: “uma dessas manhãs, ... o sol brilhará para sempre”.

A Internacional: um sucesso internacional

Escrito nos dias em que o Exército acabava com a Comuna de Paris, o poema *A Internacional* é publicado em 1887, dezesseis anos mais tarde, na coletânea *Chants révolutionnaires* (Cantos revolucionários). O texto foi musicado por Pierre Degeyter (1848-1932), operário numa Fundação de Lille, no norte da França, e músico amador, regente do Coro *La Lyre des travailleurs* (A Lira dos Trabalhadores).

Em junho de 1888, Degeyter escolhe entre os *Chants révolutionnaires*, o poema *A Internacional* e compõe a música que se tornaria célebre no mundo inteiro. Alguns dias depois, *A Lira dos Trabalhadores* interpretava, pela primeira vez em público, *A Internacional*, numa Festa socialista, em Lille, no dia 23 de junho de 1888.

(*) Tendo em vista o centenário da publicação da canção – *A Internacional* –, em 1987, bem como o centenário da morte de seu autor, Eugène Pottier (1816-1887), trazemos a nossa contribuição para homenageá-lo e a sua obra.

(**) Prof. da UEFS (Dep. de Ciências Humanas e Filosofia e Dep. de Educação).

A Internacional e a melodia de Degeyter começavam a conquistar o movimento operário mundial.

Rapidamente, *A Internacional* faz sucesso, fica conhecida na Europa toda e nos países do Novo Mundo onde se encontram imigrantes europeus: USA, Brasil, México, Argentina, ... Nascida da luta dos trabalhadores parisienses quando da comuna (18 de março a 27 de maio de 1871) e da repressão que seguiu até 1873, torna-se o hino dos operários de todos os países: hino de combate e de esperança. A União Soviética adotou a *A Internacional* como hino nacional entre 1917 e 1944. Até hoje, constitui o hino dos partidos políticos e dos sindicatos de tradição socialista, comunista ou anarquista.

Quem era Eugène Pottier?

Nasceu em Paris, num meio social modesto, em 1816. Por volta de 1840–1850, escreve poemas... que joga fora. Torna-se pintor em tecido bastante conhecido e bem sucedido. O que não o impede de participar dos movimentos revolucionários de 1830, 1848 e sobretudo, de 1871, quando um levante popular institui a Comuna de Paris, filha da primeira Comuna criada em 1789, no início da Revolução Francesa.

Na história ocidental, a Comuna aparece no século XII como uma instituição de uma nova categoria social e econômica: os burgueses, habitantes dos 'burgos', isto é, das cidades, que se opunham ao poder dos senhores feudais. A Comuna de Paris, em 1789, se opõe ao poder real; a de 1871, ao poder da República burguesa.

Em 1830, Eugène Pottier (tem 14 anos!) lida a favor do "Rei-Cidadão", Louis-Philippe. Rapidamente, evolui para o socialismo de Babeuf (1760-1797), depois, para o socialismo anarquista de Fourier (1772-1837) e enfim, para as teorias sociais de Proudhon (1809-1865).

A partir de sua participação na Comuna, Pottier se afirma como anarquista-comunista, tomando este último termo no sentido que lhe dá a tradição anarquista (ou libertária) européia. "No ponto de vista estritamente socialista, a maioria dos anarquistas chega, no terreno econômico, às últimas consequências: completa negação de todo e qualquer sistema de salariedade e realização integral do comunismo libertário" ... "Somos deveras comunistas, porém nosso comunismo não é nem o dos falansterianos" (de Charles Fourier) "nem dos teóricos da escola autoritária: o nosso comunismo é anarquista, é o comunismo sem governo, isto é, sem a complicada organização política dos estados atuais, é o comunismo dos homens livres, da humanidade liberta de peias" ¹.

Para entender a evolução política de Pottier, frisemos que nele, as admirações, as influências se complementam mais do que se superpõem.

Embora Conselheiro Comunal, Eugène Pottier conseguiu esconder-se e escapar da nefanda repressão. Exilou-se nos Estados Unidos; depois, na Inglaterra, e quando foi anistiado de sua condenação à morte, voltou a Paris, em 1881. Chegava doente, empobrecido, mas continuou a militar e a escrever poemas sociais e

revolucionários que refletem a última etapa do seu amadurecimento político.

**Nosso propósito:
uma tradução literal à procura da mensagem original**

Registramos a rápida divulgação da *Internacional*. Muitos partidos, muitas organizações passaram a anexá-la, a entendê-la à luz do próprio credo político, a revesti-la de roupagens ideológicas alheias aproveitando-se, quando for o caso, da tradução em língua nacional.

Ademais, particularmente no Brasil, hoje, se muitos identificam a melodia de Pierre Degeyter, poucos tomaram o tempo ou tiveram a possibilidade de ler o texto de Eugène Pottier.²

Levando em conta esta situação, queremos propor uma tradução fiel do texto original e acompanhá-la de anotações explicitando a mensagem do Autor.

Toda tradução não passa de um esforço mais ou menos condenado ao fracasso de transcrever um texto numa língua diferente, numa outra cultura, num outro espaço, num outro tempo. Empreendimento desesperado! Para enfrentá-lo, escolhemos traduzir o texto procurando estabelecer uma versão tão próxima quanto possível da letra original. Gostaríamos que o leitor percebesse o vocabulário político utilizado, o estilo romântico e popular do Autor, a forma exortativa e reivindicatória. Evidentemente, esta tradução afasta toda preocupação de vulgarizar a *Internacional*; não visa a estabelecer uma versão destinada a ser cantada, com as necessárias adaptações que isso acarretaria.

A partir desta tradução, procuraremos explicitar a mensagem do texto tal como foi elaborado entre 1871 e 1887, isto é, entre a data de redação inicial e a da publicação. Já sabemos da influência decisiva da Comuna na vida e no pensamento do Autor. "Eugène Pottier publicou a *Internacional* numa versão incontestavelmente menos fourierista, mais comunista e mais anarquista ao mesmo tempo, do que a versão do primeiro manuscrito"³.

A INTERNACIONAL

Letra: Eugène Pottier; *música:* Pierre Degeyter (1848-1932).

Tradução: a partir da versão original (Fonte:*Bibliothèque Nationale*, Paris) musicada por P. Degeyter, em junho de 1888.

(a)* *De pé, réprobos da terra.*

(*) Colocamos letras do nosso alfabeto – a,b, c, d, e, f, – (não constantes na versão original), uma para cada estrofe da canção, no sentido de facilitar, ao leitor, o acompanhamento da parte explicativa, a partir do item " É a luta final!" – De Quem?

*De pé, presidiários da fome.
A razão troveja na sua cratera,
É a erupção final.
Do passado, façamos 'tabula rasa'.
Multidão escrava, de pé, de pé!
O mundo vai mudar de base,
Não somos nada. Sejamos tudo.*

- (b) *Não há salvadores supremos:
Nem Deus, nem César, nem tribuno,
Produtores, salvemo-nos a nós mesmos!
Decretemos a salvação comum!
Para que o ladrão devolva o que roubou,
Para soltar o espírito do calabouço,
Puxemos nós mesmos a nossa forja,
Malhemos o ferro enquanto está quente!*
- (c) *O Estado oprime e a lei trapaceia;
O imposto sangra o infeliz;
Nenhum dever se impõe ao rico;
O direito do pobre é uma palavra oca.
Basta de desfalecer sob as tutelas,
A igualdade quer outras leis;
'Não há direitos sem deveres, diz ela,
Iguais, não há deveres sem direitos!'*
- (d) *Hediondos na sua apoteose,
Os reis da mina e do trilho
Já fizeram outra coisa
Senão assaltar o trabalho?
Nos cofres fortes da gang
O que ele criou desapareceu.
Decretando que lhe seja devolvido
O povo só quer o que lhe é devido.*
- (e) *Os Reis nos embriagavam com fumaças,
Paz entre nós, guerra aos tiranos!
Apliquemos a greve nos exércitos,
Coronha no alto e debandemos!*

*Se se obstinarem, estes canibais,
Em fazer de nós uns heróis,
Saberão logo que nossas balas
São para os nossos próprios generais.*

(f) *Operários, camponeses, somos
O grande partido dos trabalhadores;
A terra só pertence aos homens,
O ocioso irá viver fora.
Quanto de nossas carnes se saciam!
Mas, se os corvos, os urubus,
Uma dessas manhãs sumirem,
O sol brilhará para sempre!*

Atingimos o nosso primeiro alvo: propor uma tradução literal da *Internacional*. Apresentamos agora umas anotações sobre a mensagem deste hino tal como aparece no texto original.

"É a luta final!" – De quem?

Quais são os atores desta luta? – "Os reprobos da terra", "os presidiários da fome", a "multidão escrava", os que não são "nada" (a) são eles "o pobre" e "o infeliz" que desfalecem "sob as tutelas" (c), soldados dos quais "os Reis" devoram a vida (e), como os outros tantos que das "carnes" deles "se saciam".(f)

Estas camadas sociais marginalizadas, oprimidas, exploradas até morrer são também e primeiramente, os "produtores" (b), "o povo", o "trabalho" (d), "operários, camponeses,... o grande partido dos trabalhadores", os "homens" (f). Reconheçamos aqui a influência de Proudhon: "Para ele, o homem se caracteriza antes de tudo, como produtor, isto é, um homem cuja atividade difere daquela de seu próximo, – e não como eleitor cujo voto pesa tanto como o de qualquer outro cidadão... Proudhon opõe o povo constituído da multiplicidade de indivíduos diversos e independentes ao proletariado, massa indistinta dos seres humanos despojados de toda originalidade".⁴

O anarquismo de Pottier, como todas as formas de anarquismo, coloca no centro de suas preocupações, como princípio motor, a manutenção da autonomia da vontade individual contra toda autoridade, toda estrutura social externa, ameaças mortais para a liberdade do indivíduo.

Todos os homens são chamados a juntar-se e tornar-se atores da luta para constituir o 'nós' que vai agir, lutar: "façamos...", "sejamos..." É o povo que cria uma ordem nova : "Decretemos...", "o trabalho decreta..." (d), "apliquemos a gre-

ve..." (e). Os atores desta luta são os próprios homens que se levantam e ficam "de pé"; afirmam: "salvemo-nos por nós mesmos", "puxemos nós mesmos os foles de nossa forja"... (b). Cada um e todos devem determinar a sua vida pela ação direta, engajar-se na ação pessoalmente, de modo responsável, recusando as fileiras organizadas pelas "tutelas": Estado, 'Representantes' do povo, Exército, burocracias partidária, sindical, eclesial,...

Contra quem esta luta?

Contra todos os poderes, as tutelas dominadoras, contra os salvadores supremos: Deus, César, tribuno (representante do povo, orador eloqüente que defende os interesses do povo), contra o Estado, a lei, "que oprimem e trapaceiam", o "imposto que sangra o infeliz", o "rico" ao qual nenhum dever se impõe...; contra o ladrão que rouba os produtores, contra os reis da mina e do trilho... que assaltam o trabalho, que trancam nos seus cofres as riquezas que ele criou (d); contra os Reis, seus exércitos, seus generais, "estes canibais" (e); contra o "ocioso", aquele que não trabalha, que não produz, que vive saciando-se das "carnes" dos trabalhadores que nem corvos e urubus (f). "Verdadeiro parasita, homem inútil, e portanto, a sociedade teria o direito de pressioná-lo moralmente" ⁵ . "O ocioso irá viver fora" (e).

A luta final, o que é?

Nada menos que a revolução final. "O mundo vai mudar de base, não somos nada. Sejamos tudo" (a). A revolução é ruptura da história, "linha de crista dividindo os tempos, e com eles, os pensamentos, os costumes, as curiosidades, as leis, as próprias linguagens, em um *antes* e um *depois*, absolutamente antagonistas e aparentemente inconciliáveis" ⁶ . Louise Michel, heróina da Comuna, testemunha: "A gente estava com pressa de escapar ao velho mundo". Pottier vê na Comuna os primórdios da revolução final e faz eco: "Do passado, façamos 'tabula rasa'".

Esta luta final acaba com "o velho mundo" num processo de subversão total da ordem estabelecida. É o fim das tutelas, a criação de uma terra de igualdade e de paz; terra do trabalho, terra da salvação comum, terra que só pertence aos homens, terra onde o sol brilhará para sempre. Como se comentasse a *Internacional*, André C.

Découflé escreve: "O projeto revolucionário é, antes de tudo, totalização e universalidade. Abrange o homem todo e, além da ordem social que almeja renovar, ambiciona comunicar a sua visão do mundo novo à humanidade toda." ⁷

A Comuna de Paris só durou dois meses. Eugène Pottier participou dela, vivendo o início da luta final, da última revolução para a qual se norteavam todas as revoluções anteriores. Que a Comuna de Paris foi uma revolução, não há dúvida

alguma. "Os *comunards* eram governo insurgente mais uma cosmovisão. Ou se se quiser, uma cosmovisão mais uma prefeitura disposta a tudo".⁸ O que canta a *Internacional* é o seguinte: Na primavera de 1871, num ponto deste mundo, um punhado de homens deram início à luta final, definitiva, universal, da Humanidade.

A razão tropeja . . .

A força que arrasa o passado e arrasta os produtores para a luta final, não é a pobreza, a opressão, a exploração, nem o Partido, mas a razão.

O mundo moderno começa com a afirmação de Descartes proclamando a primazia do pensamento racional, liberado da fé, para estabelecer o pensamento científico: "O poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso que é propriamente o que se chama o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens".⁹

Todos os movimentos filosóficos modernos consideram a razão como um elemento essencial para dirigir a vida humana... A sociologia nasce nos séculos XVIII e XIX num esforço de compreensão da sociedade moderna e de orientação racional, científica, do seu desenvolvimento. Um dos fundadores da sociologia: Auguste Comte (1798 - 1857) escreve: "A ciência conduz a previdência e a previdência conduz à ação". No seu curso de *Filosofia Positivista*, Comte esclarece a história da sociedade formulando a lei dos três estados: teológico, metafísico, positivista ou científico. Este último estado, o da sociedade industrial e científica, vê a realização dos estados anteriores e a reorganização da vida social, inclusive da religião. A razão é a força invencível do movimento histórico do mundo.

Eugène Pottier vive neste mundo positivista, racionalista, científico, mundo que tem fé no progresso, mundo em transformação rápida.

Além disso, não pode ignorar a tradição revolucionária hebertista que, durante a Revolução Francesa, queria substituir as religiões cristãs pelo culto da Razão. Em novembro de 1793, por exemplo, na Catedral Notre Dame de Paris (que recebeu, por decreto, o nome de Templo da Razão) realizou-se um culto solene à Razão. Lembremos que a Assembléia da Comuna de Paris, em 1871, contava com um grupo de Conselheiros-discípulos de Hérbert (um dos chefes revolucionários de 1790), liderados por Louis Blanqui, então encarcerado.

Para os anarquistas, a razão simboliza e constitui a força do progresso, da liberdade, que habita em todo homem e no "partido dos trabalhadores". É ela que faz a história. A salvação comum se decreta para que "o ladrão devolva o que ele roubou", mas também e, sobretudo, "para soltar o espírito do calabouço".

"Nem deus, nem mestre" afirma o lema dos Blanquistas. Porque é a razão que liberta, ensina e guia os homens.

Uma mensagem profética

Numa época em que o capitalismo colonial torna posse do planeta, os líderes do movimento operário, os militantes, descobrem a necessidade de unir-se e coor-

denar a ação dos produtores contra a exploração dos “reis da mina e do trilho” e dos “salvadores supremos”.

As idéias internacionalistas se desenvolvem nos meados do Século XIX, embora neste século, se afirmem as nacionalidades, na Europa, na América do Norte e do Sul,... Os Internacionalistas, eles também representados na Comuna, constituem um grupo político influente na tradição anarquista. Dominam amplamente a Secção francesa da *1ª Associação Internacional dos Trabalhadores* e se opõem muitas vezes à corrente marxista liderada por Karl Marx.

A exortação da *Internacional*: “Juntemo-nos e amanhã,...” visa além desta Associação criada em 1864, o próprio gênero humano reunido numa terra renovada, onde todos os homens formarão um só povo, na liberdade, na igualdade, na paz. Ao grito: “Proletários de todos os países, uni-vos!”,¹⁰ Eugène Pottier responde com o estribilho: “A Internacional/Será o gênero humano”.

A *Internacional* canta a grande epopéia do gênero humano, a sua luta final. Levados pela força da razão, os homens suportam as perseguições, a prisão da fome, a condenação à reprovação, a escravidão, a extorsão do fruto de seu trabalho, a morte,... Enfrentam, “de pé”, “os canibais”, combatem para a própria libertação.

Unem-se na luta, com a certeza da vitória, certos de que “uma dessas manhãs o sol brilhará para sempre”.

Com fórmulas que lembram o profetismo bíblico, a *Internacional* constitui um canto de triunfo do povo perseguido, do povo salvador, do povo salvo.

A mensagem original da *Internacional* mostra que a luta final começou, que a aurora do dia sem fim já apareceu. É um hino inspirado pelos *comunards*, “os assaltantes do céu”, conforme a fórmula de Marx. Imagem ambígua, como a atitude dele perante a Comuna de Paris. Porém, não deixa de apontar o essencial, que anos depois, uma deputada comunista francesa, Danielle Casanova, morta em Deportação, formulava assim: “Mandaremos o sol levantar-se!”

A *Internacional* canta o início da última aurora do mundo, “o sol (que) brilhará para sempre”.

A tradição anarquista criou o primeiro movimento operário no Brasil e permanece presente até hoje na luta pelo que poderíamos chamar “uma democracia revolucionária”, lançando mão da fórmula de Francisco Weffort. Com as próprias palavras deste autor, acrescentemos: “O que distingue, essencialmente, uma revolução não é a violência, mas a predominância dos mecanismos de democracia direta sobre os mecanismos de representação. Na revolução russa, o momento decisivo foi quando o eixo dos acontecimentos passou da Duma (parlamento) para os soviets, ou seja, para os conselhos de trabalhadores... A revolução é uma situação na qual os homens – em todo caso um grande número deles – se convertem em homens políticos... É portanto, o predomínio da democracia direta”.¹¹

Aos anarquistas cabe reivindicar este predomínio, proclamar incansavelmente que, numa democracia, o “povo”, o “grande partido dos trabalhadores” constitui o fundamento, o arcabouço e o vigamento da sociedade política, econômica e cultural.

Hoje como ontem, tal é o papel profético dos anarquistas.

APÊNDICE

O TEXTO ORIGINAL DA 'INTERNACIONAL'

*Debout, les damnés de la terre.
Debout, les forçats de la faim.
La raison tonne en son cratère,
C'est l'éruption de la fin.
Du passé, faisons table rase.
Foule esclave, debout, debout!
Le monde va changer de base,
Nouns ne sommes rien. Soyons tout.*

*Il n'est pas de sauveurs suprêmes:
Ni Dieu, ni César, ni tribun,
Producteurs, sauvons-nous nous-mêmes!
Décrétons le salut commun!
Pour que le voleur rende gorge,
Pour tirer l'esprit du cachot,
Soufflons nous-mêmes notre forge,
Battons le fer quand il est chaud!*

*L'Etat comprime et la loi triche;
L'impôt saigne le malheureux;
Nul devoir ne s'impose au riche;
Le droit du pauvre est un mot creux.
C'est assez languir en tutelle,
L'Egalité veut d'autres lois;
'Pas de droits sans devoirs, dit-elle,
Egaux, pas de devoirs sans droits!'*

*Hideux dans leur apothéose,
Les rois de la mine et du rail
Ont-ils jamais fait autre chose
Que dévaliser le travail?
Dans les coffres-forts de la bande
Ce qu'il a créé s'est fondu.
En décrétant qu'on le lui rende
Le peuple ne veut que son dû.*

*Les Rois nous soulaient de fumées,
Paix entre nous, guerre aux tyrans!
Appliquons la grève aux armées,
Crosse en l'air et rompons nos rangs!
S'ils s'obstinent ces cannibales,
A faire de nous des héros,
Ils sauront bientôt que nos balles
Sont pour nos propres généraux.*

*Ouvriers, paysans, nous sommes
Le grand parti des travailleurs;
la terre n'appartient qu'aux hommes,
L'oisif ira loger ailleurs!
Combien de nos chairs se repaissent!
Mais si les corbeaux, les vautours,
Un de ces matins disparaissent,
Le soleil brillera toujours!*

NOTAS

1. Piotr KROPOTKIN. *O anarquismo*, p. 102 e 150.
2. Uns exemplos de variações da letra original: ouvi nos anos 1945-1950, militantes comunistas franceses cantar *a Internacional* numa versão em que o verso 8 da estrofe b): "Malhemos o ferro enquanto está quente" era substituído por: "Comunismo, mundo novo". O verso 1 da estrofe e): "Os Reis nos embriagavam de fumaças", era substituído por: "Amigos, entre nós, não mais guerra".
Outro caso: Como se traduziu *a Internacional* em russo, sob o regime Tzarista e depois da Revolução de 1917, quando utilizado como hino nacional, levando em conta o conteúdo antinacionalista, antimilitarista, antiestatal,... do texto original?
Nos anos 40, Stalin abandona *a Internacional*, suprime o Komintern, favorece o pan-eslavismo, para apresentar a URSS não mais como um Estado comunista, internacionalista, pronto a exportar a Revolução,... mas como um Estado tradicional, nacionalista, russo, pronto a impor a Revolução pela força às demais Nações.
3. Madeleine REBÉRIOUX. Eugène Pottier, p. 27.
4. Henri ARVRON. *L'anarchisme*, p.70
5. Kropotkin citado por Caio Túlio COSTA, p. 57.
6. André Clément DÉCOUFLÉ. *Sociologie des Révolutions*, p.5, citando J.P. RICHARD: *Paysage de Chateaubriand*.
7. Id., p.40.
8. Horácio Gonzalez. *A Com una de Paris, Os assaltante do céu*, p.96.
9. René DESCARTES. *Discurso do Método*, p.40.

10. "Proletários de todos os países, uni-vos!" conclui o *Manifesto do Partido comunista* e encontra-se também no *Endereço inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores* redigido por Marx, quando da criação da Associação em 1864.
11. Francisco WEFFORT. *Por que democracia*, p.121.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARVRON, Henri. *L'Anarchisme*. Paris, PUF, 1982
- DECOUFLÉ, André-Clement. *Sociologie des Révolutions*. Paris, PUF, 1983.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro.
- DOMMANGET, Michel. *Eugène Pottier, membre de la Commune et chantre de l'Internationale*. Paris, Etudes et Documents Internationaux 1971.
- GONZALEZ, Horácio. *A Comuna de Paris os assaltantes do céu*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- KROPOTKIN, Piotr. *O Anarquismo*. Salvador, Livraria Progresso, 1954.
- MARX-ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Globo, 1986.
- POTTIER, Eugène. *Oeuvres complètes*. Paris, Maspéro, 1966.
- REBÉRIOUX, Madeleine. Eugène Pottier. *Almanach encyclopédique et populaire 1987*. Paris, L'Humanité, 1987.
- RIHS, Charles. *La Commune de Paris, sa structure, ses doctrines*. Paris, Le Seuil, 1973.
- ZÉVAËS, Alexandre. *Eugène Pottier et l'Internationale*. Paris, Editions Sociales Internationales, 1936.
- WEFFORT, Francisco C. *Por que democracia?*. São Paulo, Brasiliense, 1986.